

PÁTRIA AMADA, PÁTRIA AMARGA: MOMENTOS DA IDÉIA DE NAÇÃO

RESUMO

As nossas imagens de nação tiveram, no começo do século XX, um momento privilegiado de sua configuração como discurso fundador. A época caracterizou-se por uma busca de compreensão do país, já que a discussão sobre a modernidade que nos atingia, tinha que ser posta. Um mesmo solo ideológico, porém, gerou discursos extremamente diversos diante do conceito. Recuperando, no interior da tradição literária brasileira, alguns desses discursos, pretende este trabalho colocar a discussão sobre eles e a reflexão sobre a representação do nacional na contemporaneidade.

RÉSUMÉ

Nos images de nation ont eu, au début du XX^e siècle, un moment privilégié de sa configuration comme discours fondateur. L'époque a été caractérisée par une recherche de compréhension du pays, vu que la discussion sur la modernité s'imposait inéluctablement. Cependant, un même terrain idéologique a déclenché plusieurs discours extrêmement divers devant le concept de nation. Cet essai a pour but une discussion sur ces discours et une réflexion sur la représentation du national dans la contemporanéité à travers l'analyse de quelques de ces discours dans la tradition littéraire brésilienne.

* Profa. Titular do Departamento de Semiótica e Teoria da Literatura. FALE/UFMG.

O artista plástico Siron Franco fez, há alguns anos, uma montagem da bandeira nacional com pequenos caixões de criança. Essa imagem da nacionalidade, dramática e contundente, construída em frente ao Palácio do Planalto, no coração político da nação, na verdade, dissolve pelo avesso a idéia mesma de nação, contundentemente revelando-a na crueza da sua face de morte. Uma tal leitura do símbolo nacional por excelência evidencia para nós, brasileiros do final do século, como a questão da nacionalidade se nos apresenta de forma dilacerante. Isso ocorre mesmo num tempo em que o referido conceito vem sendo questionado pela universalização dos mercados e em que a questão das "pátrias nacionais" foi, de certa forma, desqualificada pela visão mais marcadamente globalizada trazida pela assim chamada pós-modernidade. A questão do nacionalismo, em suas diferentes feições, vem sofrendo, contemporaneamente, relativo desprestígio no interior da reflexão teórica em favor de uma visão mais globalizada da cultura. Esta visão tem se mostrado hegemônica, embora não exclusiva. Nas formulações dos mais variados campos das ciências humanas como a política, a economia e o universo de disciplinas ligadas ao estudo da literatura, privilegiam-se, hoje, recortes mais abrangentes, recolocando sob novos prismas questões como influência, globalização das informações e das conquistas, universalização e remanejamentos no interior da cultura.

Por um outro lado, as referências à nação continuam extremamente recorrentes entre nós. Basta lembrar os acontecimentos dramáticos que cotidianamente assistimos no país como assassinato de menores, massacre de índios, declarada falta de escrúpulos, fome. O apelo para encaminhamento de tais questões recorre quase sempre à afirmação da cidadania, ao resgate da dignidade da nação, a bordões como "passar o país a limpo" que, de uma forma ou de outra, pertencem ao campo de significação do nacionalismo, de um conceito, mesmo que fluido, de nação. Parece-me, pois, pertinente a reflexão sobre o tema, reiterando sobretudo este seu aspecto

de constância no pensamento intelectual brasileiro, procurando captá-lo em momentos de fundação do seu perfil enquanto discurso explicativo e "caracterizador".

As nossas imagens de nação tiveram, no final do século passado e começo deste, um momento privilegiado de sua configuração como discurso fundador, discurso que tem como característica principal a invenção de um passado inequívoco, inquestionável, único. A multiplicidade ampla e contraditória da cultura, através do discurso de fundação, é substituída por referências harmoniosas e homogeneizadoras, que se apresentam como representantes exclusivas e, por isso mesmo, acabam por insidiosamente configurar determinadas imagens de nação no imaginário social.

O período caracterizou-se por uma busca de compreensão do país, já que a discussão sobre a modernidade que nos atingia tinha que ser posta. Havia, à época, um projeto modernizador para o Brasil, com implicações políticas e sociais. Arelava-se o referido projeto à proposta de higienização da sociedade, com o objetivo de uma entrada à força do Brasil no concerto das nações desenvolvidas. A questão da modernidade foi marcada, entre nós, pela preponderância avassaladora do discurso médico que entranhou de forma hegemônica todas as outras formas discursivas: a jurídica, a política, passando pela educacional e pela literária. Propunha-se a higienização da sociedade em todos os seus aspectos, como uma forma de controle sobre a família burguesa e, por extensão, sobre todo o tecido social. O alvo visado era a formação do cidadão dócil, submisso aos valores do estado-nação e a conseqüente extirpação do diferente, do desviante que pudesse comprometer o todo organicamente equilibrado. Construiu-se um projeto político de criação do cidadão higienizado em todos os sentidos e de corte do destoante, já que a sociedade era tomada como um grande organismo que precisava de um desempenho harmônico de suas partes.

A higienização proposta, atingindo os espaços familiar e urbano, tentava camuflar a efetiva face perversa, discriminadora e excludente da modernização.

O fruto podre em meio aos bons, o ramo morto passível de comprometer a transmissão da seiva para a árvore da nação eram metáforas recorrentes a justificar ideologicamente a dupla exclusão: a do indivíduo *diferente*, mas, sobretudo, a do pensamento político dissidente, do cidadão relutante a conformar-se ao projeto de fortalecimento do estado controlador que se desejava para o país. A fala anarquista, por exemplo, era uma das mais visadas como ameaçadora da harmonia do sistema.

Um mesmo solo ideológico, porém, gerou discursos extremamente diversos diante do conceito de nação.

Há os que, como Olavo Bilac, incondicionalmente cantaram o progresso e essa modernização de cima para baixo, atrelando-os ao "amor

à pátria” e ao nacionalismo. Há os que, de forma contraditória embora, se rebelaram. Muitos discutiram pelo avesso, o momento que estavam vivendo: Raul Pompéia, João do Rio, Lima Barreto, Euclides, Augusto dos Anjos. Está claro que não se trata analisá-los a partir de uma visão maniqueísta já que, mais ou menos contemporâneos à avalanche de discursos nacionalistas, sofrem esses escritores e intelectuais injunções ideológicas semelhantes. Recuperados no interior da tradição literária brasileira, no entanto, seus discursos podem apresentar diferenças significativas.

A poesia de Olavo Bilac, de que não se dissocia sua atuação enquanto intelectual e educador, é um dos pilares do discurso nacionalista fundador. Como um dos escritores mais lidos de sua época¹, colocou-se a serviço da ideologia nacionalista oficial, abraçando a concepção de Pátria, sempre com maiúscula, outorgando-se a missão de mentor da juventude e de defensor do serviço militar obrigatório. Articulador importante da visão de mundo das classes dominantes, coadunava sua poesia e sua militância nacionalista aos ideais cívicos de um Estado forte, pseudamente mediador de todas as classes, mas efetivamente representante dos interesses da classe no poder.

Assim, os ideais bilaquianos de pátria, de nação são devedores da visão organicista que serviu e muito ao estado autoritário. Acabaram eles por se estabilizar como referência fundante do imaginário e da memória nacionais. Desse modo, na sua poesia, a identificação entre o eu lírico e a pátria, alçada ao nível mítico, se faz total, ambos dividindo a mesma metáfora organicista:

Pátria, latejo em ti, no teu lenho, por onde
Circulo! e sou perfume, e sombra, e sol, e orvalho
E, em seiva, ao teu clamor a minha voz responde,
E subo do teu cerne ao céu de galho em galho!³

Na sua poesia, os momentos de conflito são despidos de contradição, neutralizados no seu aspecto de luta social, para abrigarem-se no amorfo eio da pátria mãe, transformados em clichês patrióticos, amalgamados num massado homogêneo:

Treze de maio! a desgraça
Ficou de toda uma raça!
— Aos beijos, dando-se as mãos
Os brasileiros se uniram,
E o cativoiro aboliram,
Ficando todos irmãos.²

Como Bilac, outros escritores e intelectuais “organizaram” este grande discurso fundador que alçava a idéia de pátria ao lugar de referência estabilizadora de uma prática social excludente e autoritária. O *meufanismo*

sem concessões de um Afonso Celso, por exemplo, constrói-se como parâmetro exclusivo que define, que caracteriza, num só movimento explicativo, a nação como um todo. Sem fissuras ou contradições, esta imagem da pátria se apresenta intocável, colando-se atemporalmente a uma face imutável, perene:

(...) O teu passado é todo honroso;
O teu presente orgulho faz;
E que futuro portentoso,
Terra de luz, terra de paz!...

Lar da igualdade e do Direito;
Hospitaleiro e liberal,
Seja quem for, logo o teu peito
Depara abrigo maternal.⁴

Mas, se este discurso funda, na sua hegemonia, uma tradição vencedora – expressão de tendências conservadoras do ponto de vista ideológico – ele não é exclusivo. Há como buscar no passado precursores de uma representação mais crítica, “desterritorializada” da idéia de pátria.

Deslocando a idéia de nação enquanto discurso de positividade, a dissidência da visão despuadoradamente cadavérica da nacionalidade que nos deu Augusto dos Anjos, por exemplo, nos mostra o quanto o passado como lampejo do irrealizado, para usar uma imagem cara a Benjamin, pode iluminar o presente, mesmo enquanto representante de um discurso “perdedor”.

A suave e elegante atmosfera da *belle époque* brasileira quebra-se com o grito bárbaro e dissolvente do poeta do *Eu*:

Aquele ruído obscuro de gagueira
Que à noite, em sonhos mórbidos, me acorda,
Vinha da vibração bruta da corda brasileira.⁵

Registre-se que a palavra corda, etimologicamente, pertence ao campo semântico de “entranhas”. Tocar na corda sensível é o mesmo que tocar no sentimento mais profundo. Atribui-se, portanto, à nação a conotação sentimental de profundidade, de cerne, característica da época. Só que se trata, aqui, de uma vibração bruta, com a gagueira dos sonhos mórbidos, dos pesadelos.

Repudiando anarquicamente a idéia mesma de pátria, outro escritor, Lima Barreto, expõe em boa parte de sua obra os avessos perversos do discurso fundador: o triste fim do nacionalista sincero que foi Policarpo, a crueza do racismo de que é vítima Clara dos Anjos, a denúncia da perseguição aos operários anarquistas. O percurso do narrador das *Recordações de Isaías*

Caminha é igualmente um desconstrutor do discurso pseudamente igualitário das possibilidades de ascensão social através da instrução, discurso abraçado incondicionalmente pelo civismo educativo de Bilac.

O anarquista Bogóloff, personagem de *Numa e a Ninfa*, explícita, com traços fortes, a consciência da da onipresença nefasta, adversativa da idéia de Pátria:

(...) mas a Pátria, esse monstro que tudo devora, continuava vitoriosa nas idéias dos homens, levando-os à morte, à degradação, à miséria, para que, sobre a desgraça de milhões, um milhar vivesse regaladamente, fortemente ligados num sindicato macabro.⁶

Raul Pompéia, n' *O Ateneu*, através da desmistificação da retórica que embasava a formação das elites dominantes do Império, com seu discurso incendia o "edifício" que dá o suporte educacional aos "homens da nação". Republicano de primeira hora, como tantos outros intelectuais desilude-se com o novo regime e denuncia o discurso de interesses de classe sob a capa protetora do universalizante discurso fundador da República. *Vossos barretes frígios não passam de coadores de café*, é a acusação que lança aos cafeicultores republicanos. A inversão da imagem do barrete frígio, que o transforma em coador de café, é a metáfora que se reelabora em conceito desconstrutor da idéia de nação presente nos discursos "oficiais" da época.

Também diante das reformas por que vinha passando a cidade do Rio de Janeiro, palco da modernização que lhe modificou o perfil transformando-a em cartão postal do Brasil moderno, a fachada a esconder uma cidade de escombros e miséria, também diante do famoso "Bota-abaixo" rejubila-se Bilac:

No aluir das paredes, no ruir das paredes, no esfarelar do barro, havia um longo gemido. Era o gemido soturno e lamentoso do Passado, do Atraso, do Opróbrio. A cidade colonial, imunda, retrógrada, emperrada nas velhas tradições, estava soluçando no soluçar daqueles apodrecidos materiais que desabavam. Mas o hino claro das picaretas abafava esse protesto impotente. Com que alegria cantavam elas – as picaretas regeneradoras! E como as almas dos que ali estavam compreendiam bem o que elas diziam, no seu clamor incessante e rítmico, celebrando a vitória da higiene, do bom gosto e da arte!⁸

Desmascarando o aspecto superficial e ideologicamente encobridor das conquistas modernas entre nós, revelando o avesso desse cartão postal pintado para "mostrar-nos" como civilizados aos olhos estrangeiros,

ocupando-se do marginal, do sujo, da doença e do estranho, inovando na forma discursiva, com o uso deslocado do discurso científico, assim se expressa Augusto dos Anjos:

Os evolucionismos benfeitores
Que por entre os cadáveres caminham
Iguais a irmãs de caridade vinham
Com a podridão dar de comer às flores!⁹

Em seu texto, a 'metrópole revela, sob a aparente modernização proporcionada pela ciência, a necrópole com sua face de podridão e morte. Um estranho *flâneur* atravessa o espaço urbano: um espaço em ruínas, um espaço de leprosos:

Como uma cascavel que se enrosca
A cidade dos lázaros dormia...
Somente, na metrópole vazia,
Minha cabeça autônoma pensava!¹⁰

Desconstruindo a visão predominante de nação, à idéia de pátria amada, de mãe gentil, de natureza acolhedora, contrapõe Augusto dos Anjos a orfandade da pátria amarga:

*Sol brasileiro! Queima-me os destroços! Quero assistir, aqui, sem pai que me ame, De pé, à luz da consciência infame, A carbonização dos próprios ossos!*¹¹

Assim, a paradoxal simultaneidade do discurso científico (Augusto dos Anjos é um homem de seu tempo) e de sua negação (o poeta é um crítico radical de seu tempo) dão à sua literatura feição de crítica histórica e política. Também ele se apropria do discurso médico-científico e se aproxima das teorias do caráter nacional que marcaram a época, na busca de uma alma brasileira, de traços que a caracterizem. Se isto é ponto a unir contemporâneos de mais variadas tendências, é, simultaneamente, o seu ponto de ruptura, o que o torna diferente aos nossos olhos e aos de seus contemporâneos.

Se a fala de Augusto dos Anjos se reveste do aspecto da miséria do homem, da humanidade, como transição fenomenal da matéria, ao mesmo tempo situa tudo isto no Brasil e num Brasil concreto, fazendo uma intervenção dialógica nos discursos que circulavam na época. Com sua fala corrosiva, contrapõe à face moderna da civilização as suas entranhas de barbárie:

A civilização entrou na taba
Em que ele estava. O gênio de Colombo
Manchou de opróbrio a alma do mazombo,
Cuspiu na cova do morubixaba!

E o índio, por fim, adstrito à étnica escória
Recebeu, tendo o horror no rosto impresso
Esse achincalhamento do progresso
Que o anulava na crítica da História!¹²

À concepção higienizada da nação, da tradição e do passado pátrios como dignos de orgulho, contrapõe a podridão do *Lázaro da pátria*:

Filho podre de antigos Goitacazes
Em qualquer parte onde a cabeça ponha,
Deixa circunferências de peçonha,
Marcas oriundas de úlceras e antrazes¹³

O seu discurso desconstrutor encontra semelhanças com alguns outros.

O de João do Rio, por exemplo. Também ele tem uma visão fragmentariamente alegórica da cidade. Como o poeta do *Eu*, o “repórter” João do Rio se assemelha ao *promeneur* baudelaíriano a recuperar mnemonicamente, como o Constantin Guys de *O Pintor da Vida Moderna*, as impressões que lhe marcaram a retina no seu andar pela cidade, nos passeios noturnos pelos prostíbulos, pelos lugares do ópio, das crianças assassinas, dos ladrões.

Outro nostálgico *flâneur*, Gonzaga de Sá, personagem de Lima Barreto, xerambula por um Rio de Janeiro em ruínas, sem possibilidade de reconstruir e enquanto integridade subjetiva em meio à destruição da afetividade da memória espacial.

O projeto modernizador do início do século revela, assim, o seu caráter paradoxal de “ruína já presente no edifício novo” e da ligação indissociável entre cultura e barbárie de que tanto nos fala Benjamin.

O posicionamento sobre a escravidão (que aproxima Augusto dos Anjos de Pompéia), sobre a miséria intelectual (que o aproxima de Lima Barreto), a dupla face de regresso e progresso a definir a modernidade convivendo com a o atraso e a miséria que aproxima Augusto, Lima Barreto Machado, as críticas à política republicana que unem os discursos desses autores, podem dar uma nova inflexão do olhar sobre o discurso fundador a nação, modificando-o enquanto referencial único.

Desse modo, o cotejamento e as aproximações e diferenças com os discursos contemporâneos ao discurso fundador, com certeza são dispensáveis para a dimensão histórica dos conceitos de pátria e para seu dimensionamento. Sempre pela contradição, todavia. Para abarcá-los,

faz-se necessário o estabelecimento das pontes de aproximação, das fontes que serviram à formação dos diferentes estilos.

Se o final do século passado e início deste assistiu à construção do conceito de nação como discurso fundador, ele não é, reitero-se, um discurso único, apesar de hegemônico. O discurso dissidente cumpre função desorganizadora porque constrói-se como modo de tornar visível a relatividade dos lugares de todos discursos, desterritorializando falas, mostrando que elas não são "naturais", fazendo aflorar outras que, embora silenciadas ou perdedoras no embate de idéias, podem ser pinçadas pelo olhar de hoje. Para recuperar os conceitos de nação há que se buscar na tradição literária esses discursos em tensão dialógica.

Se Bilac, Afonso Celso, Coelho Neto representaram o discurso vencedor, talvez, na esteira do que diz Borges, nosso presente possa "escolher" como precursores os representantes de uma tradição perdedora, não laudatória; talvez, como quer Benjamin, seja pela tradição vencida que o nosso presente seja visado. Não numa perspectiva linear ("como o desfilar das contas de um rosário"), mas num espaço textual simultâneo em que o texto do presente busca, na experiência de choque trazida pelo fragmento do passado, o que este último guarda de irrealizado.

Assim, a nossa contemporaneidade, de que uma das facetas é expressão a visão forte da arte de Siron Franco, pode "escolher" como precursor, no interior da tradição, um discurso desconstrutor. Dessa maneira pode o nosso presente "citar" o texto do passado, não no sentido de resgatá-lo do esquecimento, mas, antes, para celebrar um encontro intertextual na contradição de sua atualidade sincrônica.

Como nos diz Jabor num artigo de jornal, no Brasil não se entra só pela porta da frente, mas também pela dos fundos.

NOTAS

¹ Cf. LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

² BILAC, Olavo. *Poesias Infantis*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1927. p.83.

³ BILAC, Olavo. *Pátria*. In: *As mais belas poesias patrióticas e de exaltação ao Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vecchi. 1954. p.37.

⁴ CELSO, Afonso. *Salve Brasil*. In: *As mais belas poesias patrióticas e de exaltação ao Brasil*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Vecchi. 1954. p.37.

- ¹ ANJOS, Augusto dos. *Os Doentes*. In: *Eu e Outras Poesias*. 5ª ed. Rio de Janeiro-Belo Horizonte: Civilização/Itatiaia, 1982. p.84.
- ² BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Numa e a Ninfa: Obras Completas*. Dir. Francisco de Assis Barbosa. Vol III, 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1961. p.226.
- ³ Cf. CURY, Maria Zilda Ferreira. *Revolução e Identidade Nacional*. In: *Ensaio de Semiótica*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1978.
- ⁴ BILAC, Olavo. "Crônica", mar. 1904. apud. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.31.
- ⁵ ANJOS, Augusto dos. *Os Doentes*. op. cit. p.91.
- ⁶ _____. *Os doentes*. op. cit. p. 96.
- ⁷ _____. *Gemidos de Arte*. op.cit. p.130.
- ⁸ _____. *Os doentes*. op. cit. p.84.
- ⁹ _____. *O Lázaro da Pátria*. op. cit. p.57.